



## A Educação Ambiental no Colégio Estadual Armindo Guaraná, São Cristóvão/SE

Adeilton dos Santos- UFS  
Aline Lima de Oliveira Nepomuceno-

GEPEASE/UFS

### Resumo

Esta pesquisa buscou identificar as formas de abordagens da Educação Ambiental (EA) na prática pedagógica de docentes do Colégio Estadual Armindo Guaraná, na cidade de São Cristóvão/SE, em turmas do Ensino Fundamental. O estudo desenvolvido tem caráter exploratório descritivo, com ênfase na dinâmica das aulas, do espaço escolar e das opiniões de alunos e professores. Foi aplicado um questionário fechado para identificar percepções dos alunos sobre o meio ambiente. Assim, constataram-se impasses nas práticas do ensino da EA, relativamente à inserção nos discursos pedagógicos e transdisciplinares da dimensão ambiental como prática emergente e recomendada em políticas públicas nacionais.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Educação Formal. Prática Pedagógica.

### 1. Introdução

O tema transversal deste trabalho é o meio ambiente com seus desdobramentos na percepção dos professores e discentes do Colégio Estadual Armindo Guaraná, em São Cristóvão/SE. Tendo em vista os conceitos e definições do objeto desta pesquisa e os cenários locais e mundiais, bem como em razão da necessidade de se reelaborar os comportamentos e ações humanas, a Educação Ambiental (EA) na Educação Formal é uma ferramenta importante no enfrentamento da crise socioambiental.

Entretanto, a EA no cenário escolar se torna um desafio ao trabalho docente e requer do profissional, habilidades e capacitações teórico-ideológicas para assim viabilizar a “transposição didática” que integre estudos de outras ciências ao tema.

Refletindo sobre isso, nota-se, em muitos casos, comodismo na aplicação das políticas de EA. *A priori*, é necessário fundamentar criteriosamente determinado

ensinamento científico, e neste caso, urge aos docentes, processos de atualização/formação do seu arcabouço teórico, na perspectiva de interagirem com as novas tendências do fazer educação. Com isso, destaca-se neste trabalho a contribuição reflexiva da realidade do Colégio Estadual Armindo Guaraná, da relação ensino–aprendizagem da dimensão socioambiental.

O espaço escolar precisa adequar-se às tendências teórico-metodológicas para a EA, de modo que as ações educadoras sejam planejadas, dialogadas e compartilhadas com a comunidade em geral.

Para tanto, é necessário que a EA seja desenvolvida em abordagens que estejam globalizadas com as experiências locais, a fim de viabilizar uma “evolução” do pensamento crítico nas discussões de problemas mundiais com o cotidiano local dos alunos, levando-os a refletir sobre os danos trágicos que marcaram o passado e as iniciativas de conferências e movimentos ambientalistas que desencadearam profundas mudanças nas relações política, econômica e educacional nos países, sobretudo no Brasil. Neste ínterim, de acordo com Leff, (2006, p. 62):

A problemática ambiental não é ideologicamente neutra nem é alheia a interesses econômicos e sociais. Sua gênese dá-se num processo histórico dominado pela expansão do modo de produção capitalista, pelos padrões tecnológicos gerados por uma racionalidade econômica guiada pelo propósito de maximizar os lucros e os excedentes econômicos a curto prazo, numa ordem econômica mundial marcada pela desigualdade entre nações e classes sociais.

Com estas primeiras reflexões, delinea-se o objetivo desta pesquisa: identificar as formas de abordagens da EA na prática pedagógica, no Colégio Estadual Armindo Guaraná, na cidade de São Cristóvão/SE, em turmas do Ensino Fundamental.

## **2. Educação Ambiental e Educação Formal: discutindo a prática pedagógica e a formação de educadores ambientais**

A transversalidade da EA é um fato, porém um sério dilema para verificar sua efetiva “aplicação” na aprendizagem dos discentes. As diversas disciplinas do conhecimento abordam a questão ambiental de modo superficial, caracterizando um conhecimento mesclado por diversas perspectivas ideológicas. É comum presenciar dúvidas sobre o que seja EA e de como ela deve ser desenvolvida nos “ambientes

educadores”. Na concepção de Oliveira (2007, p.108 apud BERNARDES e PRIETO, 2010, p.180):

A transversalidade da questão ambiental é justificada pelo fato de que seus conteúdos, de caráter tanto conceituais (conceitos, fatos e princípios), como procedimentais (relacionados com os processos de produção e de ressignificação dos conhecimentos), e também atitudinais (valores, normas e atitudes), formam campos com determinadas características em comum: não estão configurados como áreas ou disciplinas; podem ser abordados a partir de uma multiplicidade de áreas; estão ligados ao conhecimento adquirido por meio da experiência, com repercussão direta na vida cotidiana; envolvem fundamentalmente procedimentos e atitudes, cuja assimilação deve ser observada a longo prazo.

Na perspectiva da formação do professor, as bases teóricas devem estar imbuídas no arcabouço da EA, pois ela transcende o universo escolar. De modo geral, as conexões que existem entre o saber elaborado na academia e as experiências trazidas pelos alunos em sala de aula, devem corroborar para a ação cotidiana na sociedade. Pensar um paradigma de EA seria uma contenção das pesquisas e descobertas das relações de saberes com o Ensino Formal.

Com tudo isso, a formação de professores para a EA deve ser contínua e articulada com seu ambiente de trabalho. Este processo desencadeia capacidades de gestão da didática e metodologias de ensino, e é a partir desse momento que os mestres elaboram e aprimoram a transposição didática.

São necessárias atualizações científicas que permitam melhores resultados no ensino da EA. Essa conquista depende de constante aperfeiçoamento nas estruturas curriculares de todas as instâncias educacionais, mas é nas Universidades que se dão a formação e a aptidão dos profissionais que irão produzir e reproduzir na/para/pela Educação Formal. Não obstante, as mudanças necessárias no modo de formar profissionais para o ensino da Educação Básica são dependentes de outros fatores, como descreve Tozoni-Reis (2012, p. 278):

Então, do ponto de vista histórico, a formação dos professores para a educação básica está estreitamente relacionada com as mudanças na organização histórica da educação escolar, que, por sua vez, se relacionam diretamente com as mudanças sociais, políticas e econômicas pelas quais se consolidou o estado moderno no Brasil.

Outra questão que merece ser mencionada no modo de ensinar a EA é o reconhecimento da complexidade humana. Não convém desvincular qualquer relação do

indivíduo com seu “mundo” social, mesmo que a Ciência estabeleça seus fundamentos epistemológicos no estudo de determinada disciplina (ciência), já que o ser humano deve ser ensinado com suas múltiplas interações sociais.

Para isso, importa admitir que o ser humano não poder ser tratado somente pelos parâmetros definidos em cada uma das ciências já estabelecidas, mas sim ser tratado como um todo, que poderá ter ações e reações que não estão descritas, estrita e configurada, só pelas ciências específicas. Existirão experiências que não cabem dentro das disciplinas que conhecemos, mas nem por isso deixam de ser profundamente humanas. Isso exige um olhar transdisciplinar compreendido e vivido existencialmente no cotidiano. (LUCKESI, 2003, p. 7- 8)

Diante disso, cabe ressaltar que a Educação Ambiental necessita ser trabalhada em sua fase inicial nas Universidades, na formação dos professores. Para tanto, se tornam urgentes modulações nos currículos acadêmicos e amplos debates na concepção ambiental, de modo que a produção e o acúmulo de conhecimentos relacionados estejam disponíveis e acessíveis a todos os cidadãos, nos seus diferentes níveis de aprendizagens.

### **3. Caminhos e percursos metodológicos**

O estudo desenvolvido é de caráter exploratório descritivo, com ênfase na dinâmica das aulas, do espaço escolar e das opiniões de alunos e professores. Buscou-se a interação com a coordenação pedagógica da unidade escolar, no sentido de dialogar sobre as reais condições estruturais do prédio, dos recursos humanos, da formação inicial e continuada dos professores, da matrícula estudantil, evasão e quantidade de discentes por turma.

Com isso, foi aplicado um questionário fechado para identificar percepções dos alunos sobre o meio ambiente, com a finalidade principal de relacionar o nível de entendimento daqueles diante do que compreendem a respeito do saber ambiental <sup>1</sup>.

Desta maneira, o método qualitativo foi adotado na expectativa de averiguar nos dados coletados o modo pelo qual o Colégio Estadual Armino Guarani está inserindo a EA no cotidiano escolar.

A análise dos dados coletados foi dividida em três momentos: no primeiro, foram examinados os dados provenientes das observações do espaço escolar e da sala de

---

<sup>1</sup> Utilizaremos a nomenclatura Prof. 1, Prof. 2 e Prof. 3 para designar os sujeitos da pesquisa.

aula; no segundo momento foram analisados os dados coletados através da aplicação do questionário fechado a 15 discentes, de um total de 22 alunos matriculados no 9º ano B (vale ressaltar que a ausência de alunos nos dias de observações e aplicação do questionário se deu por vários fatores particulares); e, no terceiro momento, foi aplicado outro questionário aberto e dissertativo a um docente da disciplina de Geografia, dando-lhe a oportunidade de apresentar uma visão geral do Colégio quanto à aplicação da EA na escola. Neste caso, valorizou-se a experiência de 24 anos de magistério do profissional, sua especialização em EA, bem como a sua aptidão no ensino de temas ambientais muito pertinentes à sua formação acadêmica. Outros dois professores foram interrogados sobre a temática ambiental e as suas expectativas quanto à unidade de ensino. Os demais raramente se envolveram em atualização de conhecimentos sobre a EA e não se sentiram à vontade para participar da pesquisa enquanto método científico que buscou coletar e analisar dados empíricos das práticas pedagógicas em sala de aula.

Em outra etapa da pesquisa, foram realizadas observações de cinco horas aulas das disciplinas de Matemática (3h) e História (2h) (as demais disciplinas do currículo da série não participaram por motivos de ausência do docente, de vaga não preenchida ou de avaliação em curso) e cinco acompanhamentos em dias e turnos distintos para observar comportamentos em relação ao tema EA e dialogar com alunos. Essas observações são elementos importantes para verificar a relação pedagógica professor-aluno com o saber e a prática socioambiental.

Em seguida, foram possíveis quatro momentos de diálogos com a coordenação geral e pedagógica, professores e funcionários do colégio. Nesta etapa, buscou-se correlacionar as vivências estabelecidas em seu conjunto de ações educativas, tomando como referência a interatividade estabelecida entre os sujeitos, a exemplo do modo de inter-relacionamento pessoal durante o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido no momento das aulas.

A partir dos primeiros contatos estabelecidos com a direção do Colégio foi possível apresentar pesquisa, traçando-se roteiros de visitas à unidade de ensino e o contato com professores e alunos. Buscou-se identificar junto à coordenação a existência de algum tipo de projeto voltado à EA.

#### **4 Análise e discussões dos resultados**

Em muitos momentos notou-se nos diálogos estabelecidos com a gestão escolar e professores a falta de planejamento para implantação de uma EA Crítica, contínua e reflexiva na escola.

Não basta que o professor exponha conceitos bem articulados se não tentar compreender em qual realidade reside o Colégio e sua comunidade estudantil. Educar é um exercício complexo. Aplicam-se métodos e os resultados são analisados, caso sejam insatisfatórios, muda-se o método e reaplica-se.

No Colégio Estadual Armino Guarani há também professores comprometidos com o aprendizado dos estudantes. Percebe-se que os resultados positivos da aprendizagem não dependem apenas dos docentes, mas de vários fatores, dentre os quais: o aspecto estrutural do prédio, as condições de trabalho (materiais didáticos), gestão escolar e pedagógica, colaboração docente nos projetos pedagógicos e no fortalecimento educacional da educação básica na unidade, dentre outros.

O que se destaca nestas observações preliminares, refere-se à estrutura física da instituição. A princípio, os alunos estão alocados em um galpão improvisado com salas sem qualquer acústica compatível com o ensino, divisórias baixas e sem forro no teto, piso irregular, excesso da iluminação natural e cadeiras desconfortáveis para a postura dos estudantes. Durante as aulas observadas, foi constante a interrupção por sons externos à sala (circulação de pessoas nos corredores, conversas paralelas em outras salas de aulas e no pátio, dentre outros). Isso tudo torna o ambiente pouco propício à construção/produção do conhecimento, como relata o trecho abaixo:

*Nós temos que nos unir e reivindicar urgentemente o nosso retorno ao prédio reformado. Não podemos aceitar isso, vocês também deveriam fazer mobilização, chamar a imprensa para que as coisas melhorem. (Prof3)*

Diante das percepções, o olhar crítico do que seria um ambiente escolar propício à aprendizagem, o Colégio Estadual Armino Guarani, seria classificado como “escola do improvisado”. Como descrevem Bragança; Ferreira e Pontello:

O ambiente de aprendizagem escolar é um lugar previamente organizado para promover oportunidades de aprendizagem e que se constitui de forma única na medida em que é socialmente construído por alunos e professores a partir das interações que estabelecem entre si e com as demais fontes materiais e simbólicas do ambiente. (BRAGANÇA; FERREIRA; PONTELO, 2004 apud MOREIRA, 2007, n.p.)

Ante esta situação, as coordenações escolar e pedagógica do Colégio buscam agilizar o retorno da comunidade estudantil ao prédio reformado recentemente, já que seu reparo já foi substancialmente concluído, não havendo razão para submeter toda a comunidade estudantil à consolidação do processo educativo em espaços inadequados e com péssimas condições de acomodação, de acústica, de trabalho e de acessibilidade pessoal.

As ações coletivas devem estar presentes em qualquer projeto de ensino e aprendizagem escolar. No Colégio Armino Guarani, essa tentativa ainda não está sendo consolidada. O que há, é uma expectativa do novo prédio que será entregue ainda este ano. Há cogitações e futuros projetos que estão relacionados ao meio ambiente, é o que afirma um professor da unidade: *“temos uma proposta de elaborar um projeto de preservação patrimonial, do prédio reformado”* (Prof1).

Diante do exposto, acredita-se que o espaço escolar exerce função disseminadora de conhecimentos, os quais contribuem com mudanças comportamentais nos indivíduos. Nesse sentido, a escola exerce a prática do ensino com a responsabilidade de formalizar ações concretas e objetivas que sejam capazes de desempenhar transformações significativas no entorno social das pessoas envolvidas.

O caráter socialmente construído de um ambiente de aprendizagem expressa a característica local das experiências vividas por professores e estudantes, dependentes dos papéis a que se atribuem nesse lugar, de suas expectativas e desejos, de como percebem uns aos outros, os materiais e sua organização e os resultados de suas ações, de como ocorre a dinâmica da interação entre alunos, entre alunos e professor, de como alunos e professor se valem dos recursos materiais e simbólicos disponibilizados pelo ambiente para concretizar suas interações. (BRAGANÇA; FERREIRA; PONTELO, 2004, apud MOREIRA, 2007, n.p)

No contexto geral, o Colégio apresenta sérias dificuldades de implementar a dimensão socioambiental na prática pedagógica que proporcione um aprendizado coerente com o Programa Nacional de Educação Ambiental, como segue trecho abaixo:

A educação ambiental deve se pautar por uma abordagem sistêmica, capaz de integrar os múltiplos aspectos da problemática ambiental contemporânea. Essa abordagem deve reconhecer o conjunto das inter-relações e as múltiplas determinações dinâmicas entre os âmbitos naturais, culturais, históricos, sociais, econômicos e políticos. Mais até que uma abordagem sistêmica, a educação ambiental exige a perspectiva da complexidade, que implica em que no mundo interagem diferentes níveis da realidade (objetiva, física,

abstrata, cultural, afetiva...) e se constroem diferentes olhares decorrentes das diferentes culturas e trajetórias individuais e coletivas (BRASIL, 2005, p. 34).

Cada docente tem a liberdade para trabalhar a temática em suas respectivas áreas do conhecimento, dando ênfase no caráter pedagógico do ensino da EA. Contudo, não se exclui a responsabilidade de cada envolvido na educação em sua esfera básica, de capacitar-se para tal tarefa no âmbito do programa teórico de cada disciplina por série. Entretanto, chama a atenção, assim como afirma o trecho a seguir, que há certo desinteresse de alguns docentes em abordar a EA em sua prática pedagógica, por inúmeros motivos:

*“Eu não trabalho esses temas não, só me preocupo com minha disciplina; eu sou devagar mesmo” (Prof2).*

O exposto acima reflete as dificuldades de inserção do EA no processo educativo no Colégio Estadual Armindo Guaraná, faltando planejamento das ações pedagógicas socioambientais, sejam elas inerentes à coordenação pedagógica ou ao professor, visto que a função de ensinar nunca pode ser imputada ao aprendiz. Por fim, não se deve dispensar a responsabilidade dos órgãos públicos quanto à oferta e incentivo à formação continuada, conforme o relato de docente:

*“Tenho 24 anos de sala de aula nunca os órgãos responsáveis pela educação se mostraram interessados na formação continuada dos professores nos temas mais emergentes da sociedade que são os temas transversais”. (Prof1)*

As análises das informações colhidas através do questionário aplicado aos alunos demonstraram que as percepções da aprendizagem estão com algumas oscilações de compreensão. O quadro abaixo relaciona as questões de concepção, que visam apenas identificar as opiniões usando um método simples e objetivo de expressar sua posição quanto aos questionamentos.

Cada discente teve a oportunidade de comunicar aos seus responsáveis sobre sua participação na pesquisa, tendo em vista da exigência legal para tal permissão por se tratar de alunos e alunas das faixas etárias de 14 aos 17 anos de idade.

Cada Ciência (disciplina) tem seu plano de conteúdo a ser previamente planejado para ser feita a transposição didática, porém, com relação a EA, não se faz



necessário atribuir e solidificar esse isolamento científico. Aliás, ela está imersa nas mais diversas abordagens de cada saber. O que pode diferenciá-la é a abordagem das informações com as linguagens simbólicas de cada campo das Ciências.

**Tabela 1.** Respostas dos (as) alunos (as) ao questionário

<b>*Questionário aplicado no Colégio Estadual Armindo Guaraná</b>			
<b>Itens</b>	<b>***Questões Norteadoras</b>	<b>**Alunos e Alunas</b>	
		<b>Responderam SIM</b>	<b>Responderam NÃO</b>
<b>01</b>	Estudar sobre o meio ambiente na sala de aula, pode mudar nosso comportamento no uso dos recursos disponíveis na natureza.	<b>13</b>	<b>02</b>
<b>02</b>	Problemas ambientais como o lixo, as secas e as queimadas são assuntos corriqueiros que circulam nos meios de comunicações?	<b>12</b>	<b>03</b>
<b>03</b>	Assuntos como os problemas ambientais e suas causas são discutidas em sala de aula?	<b>09</b>	<b>06</b>
<b>04</b>	Os problemas ambientais estudados nas aulas, não pertencem ao cotidiano da minha cidade, no entanto, estão "presente na mídia"?	<b>03</b>	<b>12</b>
<b>05</b>	As imagens e os vídeos recebidos pelo Face book e WhatsApp referentes as questões ambientais, me faz refletir sobre o que aprendi na sala de aula, e entendo os motivos/causas desses problemas?	<b>10</b>	<b>05</b>
<b>06</b>	Aprender sobre o meio ambiente em sala de aula tem sido muito importante para minha convivência na comunidade?	<b>13</b>	<b>02</b>
<b>TOTAL</b>		<b>60</b>	<b>30</b>

\*O questionário foi aplicado aos discentes da turma do 9º B, do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Armindo Guaraná, no turno Matutino.

\*\* As idades dos discentes variam entre 14 e 17anos.

\*\*\* As questões norteadoras não pretendem avaliar o que seria “correto ou errado”, mas as percepções de cada participante sobre as abordagens temáticas.

Com as presentes questões e os quantitativos de respostas, utilizando a forma objetiva do SIM (concordo) e do NÃO (não concordo) com o enunciado sugerido; é possível analisar as opiniões dos discentes sobre sua aprendizagem na sala de aula; as possíveis mudanças a partir do aprendizado; suas percepções nos conteúdos estudados e as contribuições da mídia neste processo e o pertencimento da dimensão socioambiental em seu cotidiano.

No primeiro item (01) do questionário estimulou-se a reflexão dos alunos sobre o que significava para eles uma aprendizagem do meio ambiente e de que modo isso poderia influenciar em seus comportamentos individuais. A grande maioria concordou que existem possibilidades através do espaço educador: a escola poderá mediar mudanças no modo de pensar mais reflexivo sobre sua realidade. Com isso, se daria uma EA Crítica e transformadora da própria sociedade, é o que pressupõe a publicação do Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2004, p. 18-19):

“[...] mudança de valores e atitudes, contribuindo para a formação de um sujeito ecológico. Ou seja, [...] modelo para a formação de indivíduos e grupos sociais capazes de identificar, problematizar e agir em relação às questões socioambientais, tendo como horizonte uma ética preocupada com a justiça ambiental”.

Na abordagem do item 02 buscou-se perceber a sensibilidade dos alunos quanto aos problemas do seu cotidiano em relação às repercussões das informações e debates presentes na internet, nos jornais impressos, revistas, telejornais e no rádio.

A prática pedagógica da EA deve ser contextualizada com os fatos históricos de lutas de ambientalistas, ONGS e sociedade em defesa da preservação, recuperação e da sustentabilidade ecológica. Não se podem esconder os desastres nucleares, a devastação de florestas, a poluição dos mares e oceanos, a emissão de gases tóxicos, o aquecimento global e até mesmo o modelo capitalista de exploração da natureza.

A questão do item 03 demonstrou insegurança dos alunos em definir quais tipos de debates foram desenvolvidos durante as aulas. Denota-se que há dúvidas sobre a compreensão do que seriam tais discussões sobre as questões ambientais. Porém, mesmo os resultados com diferenças mínimas de opiniões, não se pode deduzir quaisquer incapacidades teóricas dos alunos ou dos docentes, pelo contrário, nesse contexto torna-se propício ao fazer pedagógico compartilhando experiências individuais, ou seja, as informações verificadas pelos discentes na mídia foram consideradas como atrativos que despertaram curiosidades, e estas lhes fizeram reconhecer assuntos ambientais.

Em decorrência do distanciamento dos temas ambientais que circulam na mídia com a realidade estudantil do Colégio Estadual Armindo Guaraná, verifica-se um desencontro da prática pedagógica com a aprendizagem da classe. A maioria que

respondeu o item 04 do questionário mostrou que não existiu articulação dos temas ambientais com a realidade da cidade do Colégio e das divulgações midiáticas.

As tecnologias de informação e comunicação da atualidade podem ser úteis na metodologia complementar às habilidades intelectuais de professores e alunos. É possível ensinar e aprender de modo científico através das redes sociais: *Facebook e WhatsApp*, por exemplo, sem caracterizar-se como desvio de finalidade, já que elas possibilitam o compartilhamento de experiências, conhecimentos, imagens, vídeos e opiniões dos mais variados temas, dentre eles, o meio ambiente.

O item 05 do questionário comprova que a maioria dos discentes utiliza essas ferramentas e compreende as informações que circulam nas redes sociais. Isso é um grande desafio para os mestres, que devem traçar metas e viabilizar metodologias didáticas, no sentido objetivo de construir e consolidar a EA no processo educativo, também pautada nas tecnologias de uso social.

No item 06 foi possível identificar até que ponto a aprendizagem na sala de aula tem “valor estimado” pelos alunos em sua convivência no seu bairro. É perceptível o reconhecimento pelos discentes do aprendizado no Colégio e da sua utilidade no cotidiano social.

## **5. Considerações finais**

Foi possível identificar com a pesquisa que a EA no Colégio Estadual Armino Guarani, em São Cristóvão/SE, trilha caminhos desconhecidos na prática pedagógica. A tímida referência dos temas relacionados à EA nas aulas demonstra a necessidade de uma abertura ideológica à transversalidade do assunto e da sua transposição didática.

Percebe-se que a aprendizagem dos alunos percorre a tradicional “educação bancária” (FREIRE, 1987, n.p.), onde os conceitos isolados não promovem emancipação crítica do conhecimento. Dessa forma, o teor da educação fica à mercê das informações desprovidas do caráter científico.

A metodologia de cada docente precisa abranger os temas ambientais em suas respectivas disciplinas, independentemente se na sua formação inicial acadêmica o modelo curricular não oferecia tal suporte. Desta maneira, todo professor precisa estar ciente da necessidade contínua de atualizações de conhecimentos, sejam quais forem os meios que possibilitem tal aprimoramento.

Os principais desafios encontrados no campo da pesquisa foram a necessidade da sensibilização regulamentar e a aplicação da EA. Abordagens superficiais a respeito dessa dimensão coloca, muitas vezes, a comunidade do Colégio Estadual Armindo Guaraná, e conseqüentemente do seu entorno, em uma situação de “analfabetismo ambiental”, em razão de os cidadãos que dela fazem parte serem pouco informados do seu próprio habitat, em decorrência da fragilidade do ensino da EA, resultando em possíveis distorções éticas e sociais diante das realidades do mundo pós-moderno.

## Referências

BERNARDES, M. B. J., PRIETO, E. C. *Educação ambiental: disciplina versus tema transversal*. Disponível em:

<<<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/3891/2321>>>. Acessado em: 13 jul. 2016.

BRAGANÇA, B. ; FERREIRA, L. A. G.; PONTELO, I. *Práticas educativas e ambientes de aprendizagem escolar: relato de três experiências*. Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, 2004. Disponível em:

<<[http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos\\_senept/anais/terca\\_tema1/TerxaTema1Artigo17.pdf](http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema1/TerxaTema1Artigo17.pdf)>. Acessado em: 14 jul. 2016.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente, ProNEA, 2005, 3 ed. *Programa Nacional de Educação Ambiental*. Disponível em:

<<<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea3.pdf>>>. Acessado em: 20 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério do Meio Ambiente: *Identidades da educação ambiental brasileira* / Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 156 p.; 28cm.

Disponível em:

<<[http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/\\_arquivos/livro\\_ieab.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/livro_ieab.pdf)>>. Acessado em: 21 jul. 2016.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, 17 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

Disponível em: <<<http://forumeja.org.br/files/PedagogiadoOprimido.pdf>>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

LEFF, Enrique. *Epistemologia ambiental*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LUCKESI, C. C. *Formação do educador sob uma ótica transdisciplinar*.

Disponível em:

<<[http://www.luckesi.com.br/textos/abc\\_educatio/abceducacio\\_29\\_formacao\\_do\\_educador.pdf](http://www.luckesi.com.br/textos/abc_educatio/abceducacio_29_formacao_do_educador.pdf)>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

TOZONI-REIS, M. F. C. Educação Ambiental na Escola Básica: reflexões sobre a prática dos professores. *Revista Contemporânea de educação*, v. 7, n. 14, 2012, p.278.

Disponível em: <<<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1670/1519>>>.

Acesso em: 01 ago. 2016.